

SAÚDE | SUMARÉ

Hospital Estadual ameaça fechar ala

Unidade passa por dificuldades financeiras e cobra reajuste nos repasses para manter serviços

Inaê Miranda
DA AGÊNCIA ANHANGUERA
inae.miranda@rac.com.br

O Hospital Estadual de Sumaré ameaça fechar pelo menos uma ala e poderá demitir cerca de 150 funcionários por dificuldades orçamentárias causadas pela crise econômica. O convênio que o hospital mantém com a Secretaria de Estado da Saúde, por meio da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), renovado a cada cinco anos, vence em julho. Sem reajuste no valor do repasse há três anos, e sem o fundo de reserva que mantinha para suprir o orçamento defasado, o hospital afirma que não tem

Convênio é renovado em julho e Estado avalia pedido de verba

condição de manter o atendimento nos moldes de hoje. O problema também pode afetar o Ambulatório Médico de Especialidades (AME) de Santa Bárbara D'Oeste, contemplado pelo mesmo convênio.

Atualmente, o hospital recebe um repasse anual de R\$ 95 milhões e o AME, R\$ 8 milhões, totalizando R\$ 103 milhões. O hospital pede um aporte de R\$ 12 milhões para conseguir manter o atendimento, o que totalizaria R\$ 115 milhões ao ano. O hospital tem sete andares e em cada um deles funciona uma especialidade médica, entre elas pediatria e neonatologia, ortopedia, oftalmologia, otorrinolaringologia, clínica médica, ginecologia e obstetrícia. Além disso, trabalha com três Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) — neonatal, pediátrica e geral. No total, são 270 leitos em atividade. Lair Zambon, professor da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp e coordenador geral dos núcleos dos convênios entre Unicamp e o

Estado, afirma que uma ou mais especialidades “terão que ser fechadas”. Uma das áreas cogitadas, segundo apurou a reportagem, é a pediatria.

Como o convênio atual vence em julho, o hospital tem até junho para adotar as medidas. “Em junho teremos que tomar uma decisão duríssima, se por acaso não houver um financiamento adequado. Teremos que readequar o custo da assistência ao valor financeiro proposto, o que pode significar o corte de funcionários e fechamento de uma ou mais especialidades”, disse. A decisão da ala que deverá ser fechada ficará a cargo da Secretaria de Saúde, disse Zambon. “Vamos agir a partir do momento que a secretaria nos falar o que é para fazer. Ela tem uma pressa porque existem decisões financeiras que têm que ser tomadas. Seria irresponsabilidade manter o hospital sem financiamento adequado”, disse. A reportagem levantou que seriam 150 demissões, mas o hospital não confirmou o número.

O problema foi agravado pela crise financeira enfrentada também pelo Estado. “Nós estamos conversando com o Estado, com o secretário, e eles são parceiros nossos. O secretário de Saúde tem tido boa vontade, mas também está enfrentando dificuldade”, disse. O fechamento dos serviços deve impactar unidades na região. Zambon afirmou que as prefeituras da região já foram comunicadas da possibilidade de fechamento de serviços no hospital. O médico ressaltou que a medida significará ainda uma perda na área da formação médica. “É campo de treinamento para médico residente. Todos os alunos vêm para cá. Fora isso fazemos cursos de extensão para capacitar enfermagem.”

Com um forte perfil cirúrgico, o Hospital Estadual tam-



Movimentação em entrada do Hospital Estadual de Sumaré: negociação para evitar cortes e demissões

bém realiza procedimentos de alta complexidade, como cirurgias neurológicas e cirurgia para tratamento do Mal de Parkinson. Por conta das dificuldades financeiras, entretanto, desde março esses procedimentos já foram cortados.

A Secretaria de Saúde de Campinas foi procurada para comentar os impactos que o fechamento de especialidades no Hospital Estadual de Sumaré poderiam acarretar para a cidade, mas o secretário, Carmi-

no de Souza, disse que “se eventualmente acontecer (*algum problema*) poderemos trabalhar para resolver a situação”.

Secretaria

Em nota, a Secretaria de Estado da Saúde informou que, como o convênio firmado com a Unicamp para gestão do Hospital Estadual de Sumaré e do AME de Santa Bárbara terminará em julho, a gestora foi convidada a permanecer na

administração das unidades de saúde, respeitando os mesmos termos estabelecidos no convênio vigente. Porém, como a Unicamp solicitou um aporte financeiro à secretaria, para renovar o convênio, a “secretaria está avaliando a possibilidade de emitir um parecer favorável ao pleito realizado”. A pasta ressaltou que, até o momento, não houve contingenciamento de recursos financeiros ou qualquer suspensão de serviços.

HC volta a receber novas internações

O Hospital de Clínicas (HC) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) voltou no começo da tarde de ontem a atender casos de crianças com doenças respiratórias graves após suspender novas internações por uma semana. A demanda por esse tipo atendimento, a maior em 30 anos, forçou a unidade a anunciar a medida para conter a superlotação na semana passada. Inicialmente, a suspensão deveria durar todo o dia de ontem, mas o número de internados diminuiu e foi possível retomar os atendimentos depois do meio-dia. As últimas duas crianças que estavam em leitos intensivos improvisados foram transferidas para a unidade de terapia intensiva (UTI) pediátrica ainda na parte da manhã. Todos os dez leitos desta área continuavam ocupados, o que mostra que a demanda ainda continua alta. A restrição de internações foi anunciada na quarta-feira da semana passada e valeu primeiro por 72 horas. Depois foi prorrogada por mais 48 horas no domingo e estendida por mais um dia na segunda-feira. (Eric Rocha/AAN)

EPIDEMIA | BALANÇO

Dengue chega a 37,1 mil casos no ano em Campinas

Apesar de salto de 13% em relação aos últimos dados, ritmo de infecções caiu em maio, com 83 confirmações até ontem

TODOS CONTRA O AEDES



Eric Rocha
DA AGÊNCIA ANHANGUERA
eric.rocha@rac.com.br

A Secretaria de Saúde de Campinas confirmou ontem mais 4.523 casos de dengue na cidade. No total, os dados apontam para 37.146 confirmações neste ano. O balanço revela um número 13,8% maior do que o último divulgado, no dia 11 de maio, pelo Centro de Vigilância Epidemiológica (CVE) do Estado — na ocasião eram 32.623 registros positivos para a doença. Não houve confirmações de novas mortes e o número de vítimas fatais segue em sete.

De acordo com a Prefeitura, em relação aos números mensais, o ritmo de novas infecções vem caindo na cidade. Depois de 8.476 casos em abril, houve apenas 83 infecções confirmadas no mês de maio até ontem.

Para o secretário de Saúde de Campinas, Carmino de Souza, a crise hídrica e o tempo quente podem ser algumas das explicações para a chama-



Piscina em casa no Taquaral alvo de preocupação de vizinhos, que temem possíveis focos do mosquito

da “antecipação” da epidemia. Em 2015, ela chegou em março, quando tradicionalmente acontece em abril na cidade. “Eu acho que nesse momento a gente pode se sentir mais seguro. Aquela impressão que tivemos no passado, de que a epidemia se antecipou, agora se confirma”, afirmou. A epidemia de dengue é constatada quando há 300 casos por 100 mil habitantes. Os últimos da-

dos da Prefeitura apontam que o índice em Campinas está em 3.280 casos por 100 mil habitantes.

A transmissão doméstica responde de 80% a 90% das confirmações, segundo o secretário de saúde. De acordo com ele, o período de estiagem deve ser utilizado para as ações de educação e prevenção, para que o resultado no próximo ano seja mais positivo. “Va-

mos tentar localizar áreas de transmissão na cidade e tentar bloqueá-las. É mais fácil você controlar um pequeno incêndio do que um grande.”

Campinas registra até agora a segunda pior epidemia de dengue da sua história. Só perde para o ano passado, quando dez pessoas morreram vítimas da doença e houve 42.109 casos confirmados. O pior mês foi março com 20.822 casos.

Ex-casa de ‘Sheik’ ainda preocupa os vizinhos

Mesmo passado o pico da epidemia da dengue, casas fechadas ainda preocupam os moradores de Campinas. Sem manutenção, elas podem esconder possíveis focos do mosquito transmissor em piscinas ou calhas e entulho. Uma dessas casas, alvo de reportagem no início de abril, voltou a receber fiscalização. É uma antiga mansão de um empresário conhecido como Sheik, que tinha o imóvel até 2010. Os vizinhos relatam que a casa, que fica na Avenida Martin Afonso, no Taquaral, está fechada desde a época. Eles desconhecem o atual proprietário, mas afirmaram que após a denúncia do *Correio* a casa passou por manutenção. Ontem, era possível ver que o jardim de entrada e próximo à fonte estavam limpos. A fonte, no entanto, continuava exposta ao tempo e acumulando água da chuva. No quintal, a piscina também estava exposta, apesar da água estar com

uma coloração mais limpa. Vizinhos disseram que a casa foi arrematada em um leilão recente. A Prefeitura informou que a Vigilância em Saúde Leste vistoriou a residência no dia 10 de abril. O imóvel está no cronograma para que a Prefeitura utilize a liminar que autoriza a entrada em locais fechados. A data não foi informada. Segundo documento do 2º Cartório de Registro de Imóveis, o Sheik que era proprietário da mansão se chama El Sayed Mohamed Ibrahim Shalabi, diferentemente do informado pelo *Correio* em abril, de que a residência tinha sido do libanês Joseph Nasrallah. A reportagem solicitou o documento de propriedade ao órgão no mesmo mês, e obteve o registro nesta semana. Advogados de Shalabi foram procurados, mas disseram que não têm mais contato com ele. O proprietário que consta como sendo o último do imóvel não foi localizado. (Sarah Brito/AAN)